



RESUMO

No senso comum a iniciação esportiva muitas vezes é confundida com profissionalização esportiva precoce, mas de fato ambas apresentam mais elementos diferenciadores do que identitários. Claro que existe um enorme interesse econômico envolvido nas estratégias em ambas as situações, afinal, o mercado há tempos descobriu que crianças e adolescentes são vorazes consumidores. É bastante provável que existam pais e treinadores cômicos de tal aspecto, mas também, deve existir os não cômicos do que está envolvido na iniciação e profissionalização esportiva precoce. Parece que quanto mais cedo as crianças e adolescentes se perceberem consumidores, mais os homens de negócio agradecem. Será que eles estão preocupados com a saúde física, mental e social desses jovens? Fato é que o interesse de pais e treinadores em ajudar os jovens a melhorar o desempenho esportivo promoveu um crescimento na busca de programas de treinamento para jovens. Mas acima desses atores existem superestruturas comandadas por homens de negócio, uns querendo fazer dos jovens esportistas apenas mais uma mercadoria de seu portfólio, outros, querendo esses jovens, zumbis diante de seus celulares, cada vez mais doentes, eles também serão consumidores, só que de outro tipo. O objetivo da presente revisão é promover uma reflexão sobre essas questões de tamanha complexidade, sem se furtar da responsabilidade de denunciar alguns cruéis paradoxos sobre o tema.

Palavras-chave: profissionalização esportiva; iniciação esportiva precoce; saúde dos jovens

ABSTRACT

In common sense, sports initiation is often confused with early sports professionalization, but both present more differentiating elements than identity. Of course, there is enormous economic interest involved in the strategies in both situations. After all, the market has long discovered that children and adolescents are voracious consumers. It is quite likely that parents and coaches know this aspect. However, there must also be those who are not aware of what is involved in early sports initiation and professionalization. It seems that the sooner children and teenagers perceive themselves as consumers, the more businesspeople are grateful. Are they concerned about these young people's physical, mental, and social health? The fact is that parents and coaches are interested in helping young people improve their sports performance, which has promoted the search for training programs for young people. But above these actors there are superstructures commanded by businessmen. Some want to make youth athletes just another commodity in their portfolio. Others want these young people, zombies in front of their cell phones, to become sick. They will also be consumers, only differently. This review promotes reflection on this very complex topic, without shirking the responsibility of denouncing some cruel paradoxes on the subject.

Keywords: Sports professionalization; early sports initiation; youth health.

1. Universidade Metodista de Piracicaba - Unimep

2. Cogna - Kroton FSU

3. Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG

4. Instituto de Ensino, Pesquisa e Inovação - UNIORG

INTRODUÇÃO

A Sobre ingenuidades

Com o advento da reificação da vida das crianças e adolescentes, elas foram transformadas em consumidoras vorazes, afinal, a maioria dos pais, avós, tios, apresentam alguma dificuldade em negar o desejo de consumo de um desses jovens. Uma bola oficial de futebol para seu filho de 3 anos de idade, ou a sapatilha de balé mais cara para sua filhinha de quatro anos, soam como uma obrigação para um pai ser decente. Claro que isso é um delírio dos pais, pois a criança nessa idade não sabe diferenciar bolas oficiais e não oficiais, sapatilhas caras e baratas. Quem faz essa diferenciação são os pais, usualmente fígados pelo marketing esportivo predatório que consomem. Mas esses pais estariam sendo ingênuos?

Assim, muitas vezes dando vazão aos sonhos de seus pais, cada vez mais precocemente os jovens esportistas, são induzidos pelos valores dos adultos próximos (pais, tios, avós, professores de educação física) a buscar a profissionalização. São muitas as variáveis envolvidas nesse complexo fenômeno, o sonho do filho ou filha, conseguirem a independência financeira para toda a família, talvez seja o maior catalizador desse processo. E as crianças e adolescentes, absorvem esse sonho, que a priori, não tem nenhuma implicação mais séria, afinal, sonhar é preciso. O problema pode acontecer quando o sonho passa a ter mais importância do

que o jovem que sonha. Tudo isso pode ativar gatilhos psicológicos potencialmente destrutivos em qualquer pessoa, mas que nas crianças e adolescentes costumam ser potencializados ao máximo; assim, se configura o cenário objeto desta revisão, que busca também pensar e criar redes de apoio a esses jovens.

Como os pais e gestores esportivos podem atuar proativamente nessa questão tão relevante? Portanto, melhorias nos sistemas de gestão esportiva são cruciais a fim de reduzir estes efeitos negativos da profissionalização esportiva precoce das crianças. Para isso, uma frente de interação com os pais dos jovens esportistas, professores de educação física, o acompanhamento psicológico especializado para crianças e adolescentes, são compulsórios para a decisão da inscrição de jovens em campeonatos profissionais.

Usualmente, para evitar grandes diferenças de idade nos esportes, crianças e jovens são organizados em grupos anuais de idade. Esses grupos específicos de idade são organizados por uma data limite selecionada, que na maioria dos países é o primeiro dia de janeiro. Assim, na mesma equipe pode haver um membro nascido em janeiro e outro nascido em dezembro, implicando quase 12 meses de diferença.

Na prática de atividades físicas já existem riscos de lesões, que são potencializados na preparação e durante as competições das diversas modalidades esportivas, onde a alta

resistência física e a repetição de gestos técnicos são essenciais, o que pode levar ao esgotamento físico e estresse muscular, aumentando assim a probabilidade de ocorrência de lesões. Nesse contexto, é cada vez mais necessário que equipes multidisciplinares de saúde acompanhem a sua preparação esportiva de forma a prevenir e acompanhar a evolução do desempenho esportivo do indivíduo em desenvolvimento, respeitando seus limites físicos, psicológicos e sociais. Mas, parece que pensar o fenômeno da profissionalização precoce nos esportes em todas estas nuances, não consegue disfarçar uma estranha ingenuidade.

Mas existe uma idade mínima para se profissionalizar esportivamente?

É evidente que existe um abismo entre o que está nas leis e a realidade; a Constituição Brasileira proíbe o trabalho noturno, perigoso ou insalubre a menores de 18 anos e de qualquer trabalho a menores de 16 anos. Então, na perspectiva legal, não é cabível a profissionalização esportiva de menores de 18 anos, dado que o esporte de alto rendimento apresenta perigos aos seus praticantes.

Por sua vez o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)⁽¹⁾, instaura em seu Artigo 2º: da Lei n.8.069/1990: “Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. ”

Usualmente considera-se como especialização precoce a situação onde uma criança ou adolescente participa de um único esporte, com foco no treinamento e desenvolvimento, sendo este praticado por mais de 8 meses por ano, sendo por vontade própria ou motivação de terceiros. Claro que é muito controverso a utilização da expressão motivação de terceiros, afinal, ela pode ser fruto de uma relação hegemônica que atua sobre aquela criança ou adolescente.

Para evitar grandes diferenças de idade nos esportes, crianças e jovens são organizados em grupos específicos de idade anuais que foram separados por uma data limite o primeiro dia de janeiro. Assim, na mesma equipe pode haver um membro nascido em janeiro e outro nascido em dezembro, implicando 12 meses de diferença a serem adicionados aos dados.

Segundo Malina⁽²⁾ a Academia Americana de Pediatria crianças que se especializam em um único esporte e treinam intensamente correm maior risco de sofrer lesões por esforço excessivo, bem como esgotamento, ansiedade e depressão. Na maioria dos casos, restrições gerais de tempo livre da criança e seus tutores só permitem a participação em uma atividade, o que muitas vezes aumenta a pressão exercida sobre ela no sentido de ter a obrigação de ter sucesso. Essa pressão pode ter diversas origens; por exemplo vindo de si próprio, quando por suas questões internas coloca o esporte num patamar de desejo a conquistar a todo custo;

pode emergir dentro de sua família, de metas de treinadores, escolas e clubes esportivos para que ela seja “a melhor”, sendo esse sentimento legitimado pelos colegas e pela sociedade na qual está inserida.

São cada vez mais comuns adolescentes, por exemplo, com 14 anos de idade conquistarem medalhas de ouro nas olimpíadas e antes de chegarem lá, em vários campeonatos nacionais e internacionais, as consequências óbvias: super exposição em todas as mídias, sucesso mundial, e conquistas financeiras suficientes para manter toda a família com confortos e comodidades exclusivos da classe A. As consequências nem tão óbvias, pois todos envolvidos no processo, parecem fazer vistas grossas: a adolescência controlada e as vezes sufocada nas obrigações de uma rotina de treinamentos e compromissos midiáticos, afinal, fechar com novos patrocinadores, é uma importante fonte de renda adicional. Esse adolescente teve tempo para brincar da rua? Para soltar pipa? Para ensaiar os primeiros namoricos? Para exercer seu direito à rebeldia tão característicos nessa fase da vida? Se com 14 anos de idade, esse adolescente ganhou mais de 10 campeonatos mundiais antes de ganhar a medalha de ouro olímpica, muito provavelmente, não teve muito tempo para os outros prazeres juvenis.

É sabido que os caminhos da vitória e sucesso esportivo profissional são tortuosos e difíceis, sendo que a maioria das crianças e adolescentes que um dia sonharam com ele

acabam por desistir; nesse contexto a capacidade de resiliência de cada uma delas e sua capacidade de aprender a falar não, são exemplos de atitudes comportamentais que, talvez, apenas uma minoria consiga a tomar.

Crianças e adolescentes não são como cachorrinhos adestrados

A frase acima é cruel em dois sentidos, de fato, muitos cinófilos acham absurdo usar a palavra adestrados para os queridos amigos quadrúpedes e eles podem estar certos, mas o sentido mais ácido insinuado na frase se refere a possibilidade de que crianças e adolescentes sejam vistos assim: treinar e treinar, competir e competir, se ganhar a recompensa vem, um podium, um troféu, uma medalha no peito e se tiver sorte, algum dinheiro. Se tiver muitas vitórias, serão muitas medalhas e muito dinheiro. Qualquer semelhança com adestramento de cães pode não ser mera coincidência.

A associação linear e imediata entre o tempo de treinamento que gera mais habilidade no esporte que gera mais sucesso é de uma simplicidade medonha. A equação é muito mais complexa. O treinamento de crianças e adolescentes transcende a linha óbvia da biomecânica e da fisiologia, e sempre navega no imponderável oceano da psique desses jovens.

Fica a pergunta: por que a maioria das pesquisas sobre a profissionalização esportiva precoce parece estar majoritariamente focada em seus aspectos fisiológicos e das teorias do

treinamento? Uma possível resposta: porque é mais cômodo não mexer no vespeiro dos complexos desdobramentos psicossociais desses jovens. Aliás, pesquisas que aceitam esse desafio, usualmente, tendem a fazer o discurso quase coaching das belezas da superação humana. Pesquisas sobre os treinamentos físicos desses adolescentes são fartas, por exemplo, Meyer ⁽³⁾ recorreu em sua pesquisa ao Treinamento Neuromuscular Integrativo (INT), para demonstrar melhorias consistentes de desempenho selecionadas em crianças e adolescentes após programas de treinamento progressivo. O INT incorpora atividades de força e condicionamento gerais (movimentos fundamentais) e específicas (exercícios prescritos para atingir áreas específicas), incluindo treinamento de resistência, exercícios de estabilidade dinâmica, exercícios pliométricos e desenvolvimento de agilidade, que são projetados especificamente para melhorar a saúde e os componentes relacionados à habilidade da aptidão física.

Gould ⁽⁴⁾, por exemplo, aos pesquisar a profissionalização esportiva precoce elenca os sete estágios que vão da infância à maturidade esportiva atingida com a profissionalização, são eles: 1) Gostar de atividade física; 2) Aprendizagem de habilidades motoras e esportivas fundamentais; 3) Aprender a treinar; 4) Treinar para treinar; 5) Treinar para competir; 6) Competir para vencer; 7) Transição do esporte para uma vida ativa. Esse modelo se destaca

pois é baseado no nível de amadurecimento da criança e não em sua idade cronológica. A criança progride através dos estágios do modelo enquanto experimenta treinamento ideal e oportunidades de competição que refletem suas necessidades sociais, emocionais, biológicas e cognitivas. Até parece a solução perfeita, mas claro que ela não existe, afinal expressões aparentemente bem intencionadas, como “a criança progride” (quem decide o que é esse progresso?); “treinamento ideal” (Para quem? Para o jovem? Para os patrocinadores?); “necessidades sociais, emocionais, biológicas e cognitivas” (quem define quais são essas necessidades?). Podem afirmar: claro que a criança ou adolescente participam dessas definições. E nesse caso, tudo piora, afinal, uma criança ou adolescente, em pleno processo de crescimento físico, mental, social, afetivo, sexual, possui autonomia (ou seja, sem influência de forças externas) para, por exemplo, associar o seu nome a uma fábrica de celulares na China que ela nem imagina que contrata crianças para realizar jornadas de trabalho quase-escravo, durante 12 horas por dia? Muito provavelmente, nem ela, nem ninguém de sua equipe saibam disso, e pior, na possibilidade de saber, talvez assinem o patrocínio da mesma maneira.

Reardon ⁽⁵⁾ ao pesquisar a saúde mental nos esportes destaca a profissionalização precoce como um dos problemas mais relevantes, que segundo a autora, os jovens atletas podem experimentar distúrbios de humor, ansiedade,

problemas de sono e outros problemas de saúde mental que podem afetar negativamente seu desempenho e bem-estar geral. Dentre as consequências desses problemas estão a diminuição do desempenho atlético, o aumento do risco de lesões, a diminuição da percepção de qualidade de vida e até mesmo o suicídio.

Nesse contexto, fica patente que todos os atores envolvidos na gestão da carreira do jovem esportista de sucesso têm a obrigação ética de tomar medidas para proteger a saúde, o bem-estar e a capacidade dos atletas estarem bem no esporte e na vida. Medidas como diminuir o estigma e aumentar a busca por ajuda, trabalhar para diminuir os fatores de risco no esporte e otimizar os fatores de proteção, promover uma cultura de alfabetização em saúde mental, competência cultural e apoio positivo no ambiente esportivo. Além disso, os jovens atletas devem receber educação sobre o impacto do uso da mídia em seu humor, ansiedade e sono e estratégias para minimizar os efeitos negativos sobre esses parâmetros.

Stornaes et al ⁽⁶⁾ pesquisou adolescentes (14 e 15 anos) suecos considerados super talentos no ballet e na música se comportam diante de expectativas e auto expectativas a que se submetem. As principais conclusões se referem ao surgimento de estresse e a consequente influência no bem-estar desses adolescentes. Os autores ressaltam a importância do apoio e orientação para ajudá-los a gerenciar essas auto expectativas e expectativas sociais. O estudo

recomenda que os jovens talentos recebam apoio e orientação para ajudá-los a gerenciar suas próprias expectativas e as expectativas socialmente impostas. Isso inclui fornecer aos alunos expectativas realistas para ajudá-los a estabelecer metas e dar-lhes oportunidades para desenvolver confiança e domínio. O estudo também enfatiza a importância de treinadores/ professores comunicarem de forma clara sobre as expectativas, para que os alunos se sintam seguros e tenham uma compreensão clara do que se espera deles.

Thorp e Dumont ⁽⁷⁾ pesquisaram o impacto da profissionalização dos esportes de ação e constataram que tal fenômeno cresce cada vez mais em todo o mundo e reitera a necessidade de maior atenção aos atletas, treinadores e dos produtores de mídia, dado o crescente impacto das redes sociais na forma de como o esporte é comercializado e consumido.

A profissionalização de jovens esportistas tem como desafios questões como priorizar abordagens explícitas para otimizar o desenvolvimento do atleta, abordando os perigos da doutrinação alienada das virtudes da participação esportiva e promulgar as mudanças necessárias para que os esportes juvenis sejam legitimamente incorporados como uma iniciativa para o bem maior ⁽⁸⁾.

Mais jovens esportistas? Mais jovens consumidores? Ou?...

O aumento da profissionalização de jovens esportistas é um fato da contemporaneidade, fruto de investimentos massivos, com vistas a ganhos econômicos altíssimos. Tal fenômeno não pode ser visto como um problema, afinal, vidas melhoram, muitos empregos são gerados na grande indústria esportiva. Mas existem alguns paradoxos:

1) será que quanto mais próspero for o esporte juvenil profissional, maior será o número de jovens que excluídos da prática esportiva, serão eles meros consumidores sedentários? Uma dupla maldade: justo quem faz a grandeza do espetáculo esportivo acontecer é paradoxalmente excluído da prática, dado que, a priorização de verbas para o esporte espetáculo pode fazer uma enorme falta nas políticas públicas de incentivo ao esporte amador. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS)⁽⁹⁾ cerca de 80% dos adolescentes no mundo não estão fisicamente ativos o suficiente, o que significa que eles não atingem a recomendação mínima de 60 minutos diários de atividade física moderada a vigorosa. Isso diz respeito a mais de 1 bilhão de adolescentes só nos países em desenvolvimento (Brasil incluso). Essa falta de atividade física pode ter efeitos negativos na saúde física e mental dos adolescentes, aumentando o risco de obesidade, doenças cardiovasculares, diabetes, ansiedade e depressão. Mas, não sejamos ingênuos, a

grande indústria da doença gera mais lucros que a indústria do esporte. Adolescentes obesos, diabéticos, com ansiedade e depressão, provavelmente, são muito preciosos para os homens de negócio.

2) será que em um mundo onde a maximização dos lucros soa como uma oração para os gestores desse grande negócio, existe espaço para as políticas de inclusão social via esportes? Afinal, de acordo com o relatório de 2021 do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF)⁽¹⁰⁾, aproximadamente 1,3 bilhão de adolescentes de todo o mundo (com idades entre 10 e 19 anos) vivem em países em desenvolvimento. Isso representa cerca de 85% do total de adolescentes do mundo.

Muitas vezes dados estatísticos são utilizados para confundir e/ou ocultar aquilo que não se quer dizer, outras vezes eles servem para escancarar a realidade que precisa ser conhecida.

O relatório de 2019 da consultoria PwC⁽¹¹⁾ estimou que o valor total do mercado global de esportes em 2018 foi de US\$ 471 bilhões. Outro estudo, realizado pelo Centro de Estudos em Gestão e Economia do Esporte da Universidade de San Andrés, na Argentina, estimou que a indústria do esporte na América Latina gerou cerca de US\$ 86 bilhões em receita em 2018⁽¹²⁾.

De acordo com o relatório “Global Use of Medicines: Outlook through 2023”⁽¹³⁾ o mercado global de medicamentos deve crescer

a uma taxa anual de 3-6% até 2023, atingindo um valor total de US\$ 1,5 trilhão. Em 2020, a indústria farmacêutica gerou uma receita global de cerca de US\$ 1,3 trilhão, segundo dados da Statista⁽¹⁴⁾.

É no epicentro dessa tempestade que está o fenômeno da profissionalização esportiva de jovens, gostemos ou não, esses outros fatores citados regem a complexa relação entre políticas públicas que defendem hábitos e estilos de vida saudáveis, com prática de exercícios físicos institucionalizada como direito legítimo de todos os jovens do planeta, polarizando com essa, estão as políticas públicas que parecem defender a lógica do deixa-para-depois, deixem os jovens do planeta com os olhos fixos na tela do celular, com, vale repetir, mais de um bilhão de adolescentes sedentários, esperando a obesidade chegar, esperando a diabetes, as cardiopatias, a depressão. Deixa-para-depois, eles serão consumidores de outros produtos também. É só esperar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre a profissionalização esportiva precoce, especialmente de adolescentes, tem aspectos singulares que dizem respeito às escolhas que o jovem deve fazer, com maior ou menor nível de autonomia. Entretanto, a pluralidade desse tema, inevitavelmente trás à tona aspectos que precisam ser discutidos com mais clareza e racionalidade.

Sendo intencionalmente maniqueísta: de um lado temos a indústria do esporte profissional que cada vez mais conquista novos consumidores passivos, do outro lado, temos a indústria das doenças, afinal, sem doenças elas iriam à falência, esperando ansiosa, a chegada de adolescentes com todos os tipos de doenças crônicas da modernidade, para cada uma delas centenas de medicamentos. E no meio de tudo isso, em algum campinho de futebol de terra batida, na imensidão do planalto central, 22 adolescentes jogam e sonham em estar jogando pelo Brasil numa final da Copa do Mundo. São raríssimos, mas milagres, às vezes acontecem.

REFERÊNCIAS

- 1-BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 16 jul. 1990a.
- 2-MALINA, Robert M. Especialização Esportiva Precoce: Raízes, Eficácia, Riscos. nov. de 2010 - Volume 9 - Edição 6. Disponível em: <https://journals.lww.com/acsm-csmr/Fulltext>
- 3-MEYER, N. L. Avaliação do Conhecimento Nutricional de Jovens Atletas. 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/291485915-Determination_of_Nutrition_Knowledge_of_Young_Athletes_in_Austria_Translation_and_Adaptation_of_the_Adolescent_Sport_Nutrition_Knowledge_Questionnaire Acesso em: 22 de jan de 2023
- 4-Gould, D. The Professionalization of Youth Sports: It's Time to Act! Clin J Sport Med. Volume 19, Number 2, March 2009.
- 5-Reardon CL. The Mental Health Crisis in Sports: The Perfect Storm of Contemporary Factors. J Athl Train. 2023 Jan 27. doi: 10.4085/1062-6050-0484.22. Epub ahead of print. PMID:36701693.
- 6-Stornaes, A.V. et al. Self-Expectations, Socially Prescribed Expectations, and Wellness in 14- to 15-Year-Old Athletes, Ballet, and Music Students in Norwegian Talent Schools—An Interview Study The Sport Psychologist, <https://doi.org/10.1123/tsp.2022-0133> , 2023.
- 7- Thorpe H., Dumont G. (2019) The Professionalization of Action Sports: Mapping Trends and Future Directions, Sport in Society, 22:10, 1639-1654, DOI: 10.1080/17430437.2018.1440715
- 8-Camiré, M., Santos, F. Promoting Positive Youth

Development and Life Skills in Youth Sport: Challenges and Opportunities amidst Increased Professionalization. *Journal of Sport Pedagogy and Research*. 5(1) - (2019) 27-34.

9- Organização Mundial da Saúde. (2018). Guidelines on physical activity, sedentary behaviour and sleep for children under 5 years of age. Geneva: OMS.

10- UNICEF. (2021). State of the World's Children 2021. New York: UNICEF.

11- PwC. (2019). Sports outlook 2019-2023. Disponível em: <https://www.pwc.com/gx/en/industries/hospitality-leisure/sports-outlook-2019-2023.html>

12- Universidade de San Andrés. (2019). Informe Anual 2018 - La Economía del Deporte en América Latina. Disponível em: <https://www.udesa.edu.ar/Portals/0/CEGE/Informes/InformeAnual2018-CEGE.pdf>

13- IQVIA. Global Use of Medicines: Outlook through 2023. Disponível em: <https://www.iqvia.com/insights/the-iqvia-institute/reports/the-global-use-of-medicines-outlook-through-2023>

14- Statista. Pharmaceutical market: worldwide revenue 2017-2020. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/272181/worldwide-pharmaceutical-revenue-since-2001/>

OBSERVAÇÃO: Os autores declaram não existir conflitos de interesse de qualquer natureza.